

IV

A FAMILIA ZEBEDEU

Na manhã que se seguiu á primeira manifestação da sua palavra defronte do Tiberíades, o Mestre se aproximou de dois jovens que pesavam nas margens e os convocou para o seu apostolado:

— Filhos de Zebedeu — disse, bondoso — desejais participar das alegrias da Boa Nova?!

Tiago e João, que já conheciam as pregações do Batista e que o tinham ouvido na vespera, tomados de emoção, se lançaram para ele, transbordantes de alegria:

— Mestre! Mestre! — exclamavam felizes.

Como se fossem irmãos bem amados que se encontrassem depois de longa ausência, tocados pela força do amor que se irradiava do Cristo, fonte inspiradora das mais profundas dedicações, falaram largamente da ventura de sua união perene, no futuro, das esperanças com que deveriam avançar para o porvir, proclamando as belezas do esforço pelo Evangelho do Reino. Os dois rapazes galileus eram de temperamento apaixonado. Profundamente generosos, tinham carinhosas e simples, ardentes e sinceras as almas. João tomou das mãos do Senhor e beijou-as afetuosamente, enquanto Jesus lhe acariciava os anéis macios dos cabelos. Tiago, como se quizesse hipotecar a sua

solidariedade inteira, aproximou-se do Messias e lhe colocou a dextra sobre os ombros, em amoroso transporte.

Os dois novos apostolos, entretanto, eram ainda muito jovens e, em regressando á casa com o espírito arrebatado por imensa alegria, relataram á sua mãe o que se passara.

Salomé, a esposa de Zebedeu, apesar de bondosa e sensível, recebeu a notícia com certo cuidado. Também ela ouvira o profeta de Nazaré nas suas glorioas afirmativas da vespera. Poz-se então a ponderar consigo mesma: não estaria próximo aquele reino prometido por Jesus? Quem sabe se o filho de Maria não falava na cidade em nome de algum príncipe? Ah! o Cristo deveria ser o interprete de algum desconhecido ilustre que recrutava adeptos entre os homens trabalhadores e mais fortes. A quem seriam confiados os postos mais altos, dentro da nova fundação? Seus filhos queridos bem os mereciam. Precisava agir, enquanto era tempo. O povo, de ha muito, falava em revolução contra os romanos e os comentadores mais indiscretos anteviam a queda proxima dos Antípas. O novo reinado estava próximo e, alucinada pelos sonhos maternais, Salomé procurou o Messias, no círculo dos seus primeiros discípulos.

— Senhor — disse, atenciosa — logo após a instituição do teu reino, eu desejaría que os meus filhos se sentassem um á tua direita e outro á tua esquerda, como as duas figuras mais nobres do teu trono.

Jesus sorriu e obtemperou com gesto bondoso:

— Antes de tudo, é preciso saber se eles quererão beber do meu cálice!

A progenitora dos dois jovens embarcaçou-se. Além disso, o grupo que rodeava o Messias a observava com indiscreção e manifesta curiosidade. Reconhecendo que o instante não lhe permitia mais amplas explicações, retirou-se apressada, colocando o seu velho esposo ao corrente dos factos.

Ao entardecer, cessado o labor do dia, Zebedeu acompanhado pelos dois filhos procurou o Mestre em casa de Simão Pedro. Jesus lhes recebeu a visita com extremo carinho, enquanto o velho galileu expunha as suas razões, humilde e respeitoso.

— Zebedeu — respondeu-lhe Jesus, tu, que conheces a lei e lhe guardas os preceitos no coração, sabes de algum profeta de Deus que, no seu tempo, fosse amado pelos homens do mundo?

— Não, Senhor.

— Que fizeram de Moisés, de Jeremias, de Jonas? Todos os emissários da verdade divina foram maltratados e trucidados, ou banidos do berço em que nasceram. Na Terra, o preço do amor e da verdade tem sido o martírio e a morte.

O pai de Tiago e João o ouvia humilde e repetia: — Sim, Senhor.

E Jesus, como se aproveitasse o momento para esclarecer todos os pontos em dúvida, continuou:

— O reino de Deus tem de ser fundado no coração das criaturas; o trabalho árduo é o meu gozo; o sofrimento o meu cálice; mas, o meu espírito se ilumina da sagrada certeza da vitória.

— Então, Senhor — exclamou Zebedeu, respeitoso — o vosso reino é o da paz e da resignação que os crentes de Elias esperavam.

Jesus com um sorriso de benignidade acrescentou:

— A paz da consciência pura e a resignação suprema à vontade de meu Pai são do meu reino; mas, os homens costumam falar de uma paz que é ociosidade de espírito e de uma resignação que é vício do sentimento. Trago comigo as armas para que o homem combata os inimigos que lhe subjugam o coração e não descansarei, enquanto não tocarmos o porto da vitória. Eis porque o

meu cálice, agora, tem de transbordar de fel, que são os esforços ingentes que a obra reclama.

E, como se quizesse pormenorizar os esclarecimentos, prosseguiu:

— Ha homens poderosos no mundo que morrem comodamente em seus palácios, sem nenhuma paz no coração, transpondo em desespero e com a noite na consciência os umbrais da eternidade; ha lutadores que morrem na batalha de todos os momentos, muita vez vencidos e humilhados, guardando, porém, completa serenidade de espírito, porque, em todo o bom combate, repousaram o pensamento no seio amoroso de Deus. Outros ha que aplaudem o mal, numa falsa atitude de tolerância, para lhe sofrer amanhã os efeitos destruidores. Os verdadeiros discípulos das verdades do céu esses não aprovam o êrro, nem exterminam os que os sustentam. Trabalham pelo bem, porque sabem que Deus também está trabalhando. O Pai não tolera o mal e o combate, por muito amar a seus filhos. Vê, pois, Zebedeu, que o nosso reino é de trabalho perseverante pelo bem real da humanidade inteira.

Enquanto os dois apóstolos fitavam em Jesus os olhos calmos e venturosos, Zebedeu o contemplava como se tivesse à sua frente o maior profeta do seu povo.

— Grande reino! — exclamou o velho pescador e, dando expansão ao entusiasmo que lhe enchia o coração, disse, ditoso:

— Senhor! Senhor! trabalharemos convosco, pregaremos o vosso Evangelho, aumentaremos o número dos vossos seguidores!...

Ouvindo estas últimas palavras, o Mestre elucidou, pondo enfase nas suas expressões:

— Ouwe, Zebedeu! nossa causa não é a do numero; é a da verdade e do bem. E' certo que ela será um dia a causa do mundo inteiro, mas, até lá, precisamos esmagar a serpente do mal sob

os nossos pés. Por enquanto, o numero pertence aos movimentos da iniquidade. A mentira e a tirania exigem exercitos e monarcas, espadas e riquezas imensas para dominarem as criaturas. O amor, porém, essencia de toda gloria e de toda vida, pede um coração e sabe ser feliz. A impostura reclama interminavel fileira de defensores, para espalhar a destruição; basta, no entanto, um homem bom para ensinar a verdade de Deus e exaltar-lhe as glorias eternas, confortando a infinita legião de seus filhos. Quem será maior perante Deus? A multidão que se congrega para entronizar a tirania, esmagando os pequeninos, ou um homem sózinho e bem intencionado que com um simples sinal salva uma barca cheia de pescadores?

Empolgado pela sabedoria daquelas considerações, Zebedeu perguntou:

— Senhor, então o Evangelho não será bom para todos?

— Em verdade — replicou o Mestre — a mensagem da Boa Nova é excelente para todos; contudo, nem todos os homens são ainda bons e justos para com ela. E' por isso que o Evangelho traz consigo o fermento da renovação e ainda por isso que deixarei o jubilo e a energia como as melhores armas aos meus discípulos. Exterminando o mal e cultivando o bem, a Terra será para nós um glorioso campo de batalha. Se um companheiro cair na luta, foi o mal que tombou, nunca o irmão que, para nós outros, estará sempre de pé. Não nos repousaremos até ao dia da vitória final. Não nos deteremos numa falsa contemplação de Deus, à margem do caminho, porque o Pai nos falará através de todas as criaturas trazidas á boa estrada; estaremos juntos na tempestade, porque áí a sua voz se manifesta com mais retumbância. Alegrar-nos-emos nos instantes transitorios da dor e da derrota, porque áí o seu coração amoroso nos dirá — "Vem, filho meu, estou nos teus sofrimentos com a luz dos meus ensinos!" Combate-

remos os deuses dos triunfos faceis, porque sabemos que a obra do mundo pertence a Deus, compreendendo que a sua sabedoria nos convoca para completa-la, edificando o seu reino de venturas sem fim no íntimo dos corações.

*

Jesus guardou silêncio por instantes. João e Tiago se lhe aproximaram, magnetizados pelo seu olhar energico e carinhoso. Zebedeu, como se não pudesse resistir á propria emotividade, fechara os olhos, com o peito oprimido de jubilo. Diante de si, num vasto futuro espiritual, via o reino de Jesus desdobrar-se ao infinito. Parecia ouvir a voz de Abraão e o eco grandioso de sua posteridade numerosa. Todos abençoavam o Mestre num hino glorificador. Até ali, seu velho coração conhecera a lei rígida e temera Jeová com a sua voz de trovão sobre as sarças de fogo; Jesus lhe revelara o Pai carinhoso e amigo de seus filhos, que acolhe os velhos, os humildes e os derrotados da sorte, com uma expressão de bondade sempre nova. O velho pescador de Cafarnaum soltou as lagrimas que lhe rebentavam do peito e ajoelhou-se. Adiantando-se-lhe, Jesus exclamou:

— Levanta-te, Zebedeu! Os filhos de Deus vivem de pé para o bom combate!

Avançando, então, dentro da pequena sala, o pai dos apostolos tomou a dextra do Mestre e a humedeceu com as suas lagrimas de felicidade e de reconhecimento, murmurando:

— Senhor, meus filhos são vossos.

Jesus, atraindo-o decemente ao coração, lhe afagou os cabelos brancos, dizendo:

— Chora, Zebedeu! porque as tuas lagrimas de hoje são formosas e benditas!... Temias a Deus; agora o amas; estavas perdido nos raciocínios humanos sobre a lei; agora, tens no coração a fonte da fé viva!